

Zoró: Uma história de injustiças

Fonte: 1. Cuabama
 Data: 12/07/87

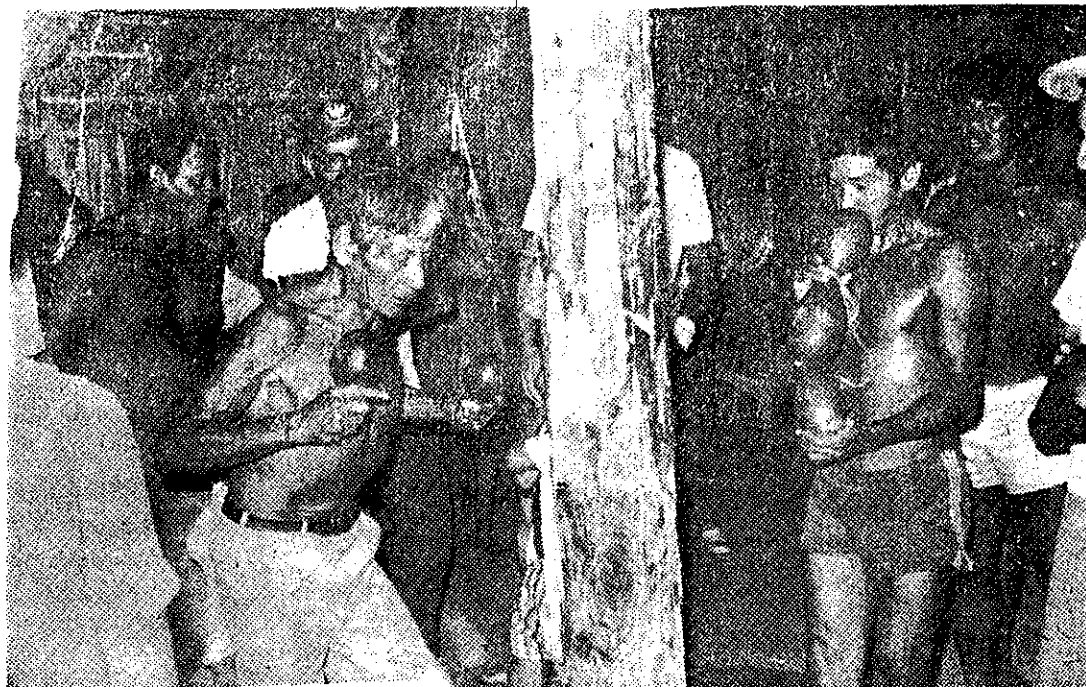
111

O governo do Estado mostrou, finalmente, como pensa a questão indígena. Na verdade caiu o véu do governo do Estado. E todos os discursos "progressistas" do PMDB mostram que são apenas discursos, sem conteúdo, sem verdade. O governo do Estado baixou um decreto criando o distrito de Paraíso da Serra, dentro do território dos Zoró. O decreto de Bezerra, que foi assinado por todos os secretários, é ilegal.

Não se pode criar distritos dentro de áreas indígenas. Mas o decreto serve para mostrar como o governo vê a questão indígena. Enquanto isto a visita de Paió à Cuabá deixou mais uma vez os Zoró na encruzilhada da guerra contra os invasores. O jornalista Paulo Barros, num texto irado, denuncia o que considera o festival de covardia contra os Zoró.

Reportagem na página 9.

Zoró: Um festival de covardia



Não existe covardia maior que a de um estado que usa da força do seu poder político para trair uma nação indígena. Em Mato Grosso caiu o véu do governo do Estado. Logo que assumiu, Carlos Gomes Bezerra promoveu um festival de demagogia. Disse que estava ao lado dos povos indígenas, que pretendia defender os seus interesses. Ele chegou a promover um encontro de lideranças indígenas: na verdade uma farsa mal orquestrada para derrubar o ex-superintendente da Funai, Cantídio Guerreiro, e colocar no seu lugar Idevar Sardinha, que é um indigenista com bom trânsito

dentro do PMDB. A manobra, no entanto, não foi bem sucedida e Heraldo Fernandes acabou no lugar de Sardinha. Até aí ninguém podia falar nada. De um jeito ou de outro Bezerra estava abrindo espaço para a discussão da questão indígena. A traição aconteceu no dia nove de abril de 1987 e foi assinada por todo o secretariado do governador, por todos estes militantes do PMDB que se dizem progressistas mas que usam do seu poder para tirar terras imemorais de um belo e orgulhoso povo indígena: Os Zoró. No dia 9 de abril de 1987 o governador, junto com todo o seu secre-

segue

tariado, assinou um decreto criando o distrito de Paraíso da Serra, no município de Aripuanã. No município de Aripuanã, não. Nas terras do país Zoró.

Covardia, este é o termo correto. O cacique Paiô veio à Cuiabá mais uma vez, tentar resolver a questão. Conversar com as autoridades que podem retirar os invasores. O cacique Paiô não quer matar ninguém. Quer ficar em paz, com sua tribo, nas terras onde sempre viveu. E como os brancos receberam o cacique Paiô? Covardemente, como é de praxe entre os brancos.

Primeiro foi a reunião na Funai. Paiô falando duro. Insistindo que se os invasores não saírem a guerra será inevitável. Que vai correr sangue. Que vai morrer gente. Impassível, o superintendente da Funai declarou, depois da reunião, à imprensa, que só quem poderia resolver o problema era o INCRA. Heraldo disse, inclusive, que a Funai já está com o dinheiro para indenizar as supostas benfeitorias dos invasores (desmatamento é benfeitoria?).

Tudo bem: o problema então está nas mãos do INCRA. No outro dia lá vai Paiô conversar com os homens do INCRA. E escuta o quê destas autoridades "progressistas"? Escuta uma proposta que pode até ser considerada indecente. O pessoal do INCRA sugere ao cacique Paiô que a solução do problema está nas mãos da Funai. Isto porque o INCRA aceitaria retirar os invasores imediatamente se a Funai aceitasse colocá-los em outra reserva indígena, que não teria sido usada como reserva de fato. Quer dizer, em outras palavras, retirar os invasores de uma área indígena para colocá-los em outra área indígena.

Mas se o governo de Bezerra é tão progressista, como gosta de anunciar aos quatro cantos, porque não usar da sua influência para assentar os invasores pobres da área indígena dos Zoró, em algum latifúndio improdutivo do Estado? Existem, senhor governador, imensos latifúndios em Mato Grosso, com até milhões de hectares. Ou o governo do Estado não sabe disto? Acho difícil.

Não é fácil de se entender a lógica de Bezerra e as suas intenções, claramente contrárias às nações indígenas de Mato Grosso. Enquanto a Funai e o Incra brincam de empurra-empurra, o governo do Estado procura consolidar a invasão dos Zoró. Provavelmente os progressistas do

governo acreditam que é terra demais para poucos índios e outras baboseiras assim. Existem latifúndios improdutivos no Estado, com áreas imensas. Repetindo: existem latifúndios improdutivos no Estado com áreas imensas. Por que tirar terras dos índios? Repetindo: por que tirar terras dos índios?

Torna-se inevitável o uso de um outro argumento (que já deveria ser conhecido pelos progressistas do PMDB). Na verdade quando se fala que os Zoró estão reivindicando mais terras que as suas necessidades, está se cometendo uma grande hipocrisia por dois motivos. Primeiro pelo que já foi dito (que existem milhões de hectares de terras improdutivas que estão nas mãos de grandes fazendeiros). Em segundo lugar não se pode esquecer que a cultura indígena é completamente diferente da nossa. O índio precisa de espaço. Espaço para caçar, pescar, andar, coletas, viver. As terras invadidas dos Zoró eram usadas para coleta e para caça. Sem as terras os índios não sobrevivem.

A intenção de Bezerra seria acabar com os Zoró? Pelo menos indiretamente sim. Por que, afinal de contas, estaria o governador tão interessado em consolidar a invasão? Por que ele, junto com todo o seu secretariado, assinou este decreto dentro da área Zoró, traíndo uma pequena, bela e orgulhosa nação indígena? Quais os interesses materiais desta covardia?

Roberto Gambino, sociólogo da FIPE (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas), analisa de forma bastante clara a atitude do governo do PMDB (que elegeu-se como defensor das causas dos oprimidos, e age como se os índios não fossem oprimidos). Segundo Gambino (que já fez algumas avaliações para o Polonoroeste sobre a questão Zoró "a gente sabe que o decreto é inconstitucional, mas a intenção do governo é criar uma situação de fato". Gambino acrescenta que o governo pretende aumentar o seu próprio patrimônio de terras públicas arrecadando o máximo que puder de terras indígenas. Mas as ameaças aos Zoró não partem exclusivamente dos gabinetes do governo do Estado. O próprio Gambino já viu uma planta da área Zoró toda loteada.

Mas se a atitude do governo é a de ir enrolando os índios, ao mesmo tempo em que consolida a ocupação das terras imemoriais, por outro lado a atitude dos índios tem sido pautada pela maior boa vontade e paciência do

mundo. O cacique Paiô — como analisa Gambino — já fez várias viagens à Cuiabá, já saiu da sua aldeia e foi à Brasília, viajou por Rondônia, conversou muito com as autoridades brancas. E até agora vem sendo enganado de forma vergonhosa. A paciência dos índios, no entanto, não é sem limites. E Paiô afirmou às autoridades brancas que não vai mais segurar os guerreiros de sua tribo, que os brancos vão morrer. As flechas dos Zoró vão matar os invasores. Na verdade pode acontecer, por irresponsabilidade dos governos federal e estadual, uma verdadeira guerra, em que podem morrer brancos, mas também índios. Parte dos invasores são financiados por Américo Menotti, madeireiro. Além disso existem outros interesses econômicos de olho no país Zoró. Isto significa que não é impossível que os invasores sejam armados para massacrar os índios. Não serão os primeiros índios que serão massacrados em Mato Grosso (o governo do Estado sabia que os índios brasileiros foram massacrados durante séculos e séculos de história?).

Gambino, novamente, coloca muito bem a questão. Ele lembra que Paiô já deu prazos e prazos para as autoridades, e que vai ficar muito difícil agora segurar os guerreiros. Gambino conta também que a devastação das terras Zoró continuam. O desmatamento continua. Os índios, da sua aldeia, escutam o barulho das moto-serras. E é por isto que Paiô afirmou, em alto e bom tom, para que todos ouvissem: "agora eu vou matar invasor".

E o que fazem as autoridades. Mais uma vez dão uma lição de covardia (sinceramente eu estou envergonhado com este festival). Não fazem nada. E ainda tem coragem de olhar para Paiô com um semi-sorriso cínico nos lábios. Hipócritamente. Como se não acreditassem que Paiô fosse capaz de mobilizar seus guerreiros para a guerra. Como se os Zoró não fossem orgulhosos e não estivessem mesmo dispostos a matar. O semi-sorriso certamente também foi percebido por Paiô, que perguntou às autoridades: "por que vocês não credi-

tam em mim?".

Voltando a questão do decreto de Bezerra instituindo o distrito de Paraíso da Serra: ele é ilegal, completamente ilegal. Não se pode construir cidades, municípios, ou seja lá o que for dentro de terras indígenas. Está nesta constituição. Estará na próxima. É uma questão de direitos básicos do homem. Os índios são os donos da terra. Existem tantas terras para serem desapropriadas. Tanta terra sobrando, latifúndios improdutivos. E a reforma agrária da Nova República, serve para que? Apenas para ganhar votos, senhor Dante de Oliveira?

ZORÓ:

UMA HISTÓRIA DE INJUSTIÇAS

Em 1976, o sertanista Apoená Meirelles, avistou, de avião, umas 15 aldeias Zoró. Em 1978 a Funai interditou uma área de 431.700 hectares para os Zoró. (segundo Gambino, nesta interdição o território Zoró foi cortado pela metade. Ou seja, os Zoró perderam metade de suas terras). Onde antes era terra indígena, agora são grandes latifúndios de poderosos grupos econômicos (porque não instalar os invasores aí, senhor governador). A história vai assim, de traição em traição contra os índios. A fazenda Muiraquitã; do Condomínio Lunar-delli, com a aquiescência da Funai abriu um picadão. O general Ismatth de Araújo, de triste memória, que foi presidente da Funai, chegou a dizer, numa certidão negativa, que não tinha conhecimento da existência de aldeamentos indígenas nas terras dos Zoró. Uma história em que o último capítulo aconteceu nesta semana com a visita de Paiô, e com todas as covardias que vieram à tona. Agora Paiô voltou e uma guerra pode acontecer. O decreto de demarcação da área já foi até assinado por Sarney. Nada disso foi respeitado nem pelos invasores nem pelo governo do Estado. Aos índios parece só restar a sabedoria de suas flechas. Os brancos, mais uma vez, mostraram que não tem palavra. A guerra, no entanto, ainda pode ser evitada. Na verdade a paz está nas mãos do INCRA. Infelizmente, parece estar em péssimas mãos.

Tribuna Cuiabana